

---

## Comunicação-Trama em *Hostels*: Reflexões a partir do Relato de Experiências<sup>1</sup>

Mara Regina THOMAZI<sup>2</sup>

Maria Luiza Cardinale BAPTISTA<sup>3</sup>

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

### Resumo

Este artigo analisa aspectos da trama de comunicação e de relações interpessoais em *hostels*, considerando que há uma mutação no cenário do turismo contemporâneo. Traz o relato parcial de uma pesquisa que vem sendo realizada no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, na Universidade de Caxias do Sul (UCS/BRASIL). Alinhada à dimensão qualitativa da pesquisa, em termos metodológicos, sua produção foi orientada pela estratégia Cartografia dos Saberes, combinando aproximações e ações investigativas. Nessa perspectiva, valoriza os relatos de experiências associadas à discussão teórica. Como resultados preliminares, percebemos que as singularidades dos *hostels* tem caráter sistêmico e complexo e alinham-se às proposições de amorosidade e autopoiese.

**Palavras-chave:** turismo; comunicação; *hostel*; amorosidade; cartografia de saberes.

### Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo analisar aspectos de comunicação-trama, a partir do relato de experiências em alguns *hostels*, com uma abordagem teórico-prática. Busca-se observar, especialmente, sinalizadores, como amorosidade<sup>4</sup>, educação e hospitalidade, seguindo a ética da relação, entre os sujeitos do turismo. O texto é decorrente de uma pesquisa, que está sendo realizada no Mestrado em Turismo e Hospitalidade, na Universidade de Caxias do Sul. O estudo está vinculado a outra produção do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (UCS/CNPQ), intitulada .

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Graduada em Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda pela UCS. Pesquisadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Bolsista Capes. Email: marathomazi@gmail.com

<sup>3</sup> Dra em Ciências da Comunicação pela ECA/USP; Profª e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade e dos cursos de Comunicação Social da UCS; Coordenadora do Amorcomtur!; Editora Associada da Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTur); Pesquisadora visitante sênior da Universidade Federal do Amazonas; Pós-doutoranda em Sociedade e Cultura da Amazônia; Pesquisadora Ibero-Americana (edital UCS/SANTANDER); Diretora da Pazza Comunicazione. Email: malu@pazza.com.br

<sup>4</sup> O termo aqui está sendo utilizado com base nos estudos do Amorcomtur!, correspondendo à ética na relação, ao cuidado e respeito ao outro.

Nesse texto, entendemos o turismo, segundo uma lógica de trama complexo-sistêmica, como uma superação dos aspectos inerentes ao caráter reducionista, inerente ao modelo tradicional de mercado, que vem predominando em parte da produção teórica em coerência ao que se pode denominar de indústria do turismo. A necessidade de consideração do turismo em perspectiva mais ampla se verifica, porque acreditamos que o caráter multifacetado do turismo vem se entrelaçando à mutação das demandas dos sujeitos envolvidos com as práticas desterritorializantes do turismo.

Nesse sentido, percebe-se que o sujeito do turismo vem buscando, hoje, muito mais do que um turismo comercial, restrito a aspectos materiais concretos, mas almeja uma ampliação de serviços, uma real hospitalidade, em situação de expressiva troca de cultura e boa prática da amorosidade, na interação complexa de relacionamentos que se vive no turismo.

O interesse pelo assunto surgiu em decorrência de vários caminhos percorridos. No plano pessoal, foi se evidenciando no processo de reflexão de uma das pesquisadoras, que começou a pensar na forma com que sua vivência estava ligada ao turismo. Em algumas viagens, houve a oportunidade de se hospedar em *hostels*, e isso a fez perceber o caráter multicultural desse local, bem como as nuances da interação complexa entre os seus usuários.

Na reflexão sobre as possíveis metodologias adequadas para a pesquisa, optamos por utilizar a estratégica metodológica Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014), por se tratar de orientação pertinente à pesquisa qualitativa, ao pensamento complexo-sistêmico, que envolve aproximação com o objeto de estudo e relato de experiências.

Durante processo exploratório, marcado por levantamento bibliográfico e discussões sobre a temática nas rodas de conversa do grupo, foi produzido diário de campo com o recurso investigativo denominado por Baptista como ‘resgate de memórias’, com a produção de texto em função do registro de lembranças, através de relatos de uma das pesquisadoras, sobre suas próprias experiências vividas como hóspede. Por meio dessas vivências, foi possível fazer uma reflexão e propor a discussão sobre algumas das situações vividas dentro dos *hostels*, relacionando-as a teorias, que nos fazem perceber, nos estudos da Comunicação e do Turismo, essa mutação também no modo de investigar.

---

## *Hostels*

Existem relatos sobre a história<sup>5</sup> do surgimento do *hostel* no mundo, que apresentam como “idealizador”, o professor Richard Schirmann, que, na Alemanha, em 1909, fazia pequenas viagens de estudos com os alunos. Um dia, surpreendido por uma tempestade, precisou abrigar os alunos, e, a partir disso, teve a ideia da criação de um espaço que abrigasse estudantes e viajantes jovens. Em 1912, surgia o primeiro *hostel*.

O alberguismo é considerado por Giaretta (2003) uma das modalidades do turismo alternativo, ou seja, não convencional. Segundo a autora, o movimento teve início no Brasil em 1971, mas se expandiu na década de 1980 e se consolidou depois de 1990. Portanto, entende-se que esse não é um tipo de acomodação novo. Mesmo assim, ainda não é um conceito disseminado e compreendido por todo o país, principalmente nas cidades menores.

Observa-se que os *hostels* têm características similares, como a boa localização na cidade, e também as diferenciações arquitetônicas e visuais, em relação ao padrão de hospedagem tradicional. Quanto aos quartos, há opções de compartilhamento ou privativos. A opção compartilhada pode ser com quatro camas, seis, oito, 10, 12 ou, até mesmo, mais. Os banheiros também são compartilhados. Nos quartos duplos, há um banheiro por quarto, e, nos demais, os banheiros geralmente são nos corredores. Sempre há uma cozinha, onde cada um pode preparar a sua própria comida<sup>6</sup>.

Esse tipo de acomodação geralmente tem uma ou mais áreas de lazer, onde pode haver sofás, televisão, jogos, entre outros. Esses ambientes são descontraídos e propícios à socialização entre os hóspedes. Verifica-se que o público do *hostel* é peculiar, mais propenso à interação, mais aberto a convivência, demonstra mais adaptabilidade às condições e ocorrências cotidianas e procura, nesse meio, uma oferta de hospedagem que um meio convencional não contempla.

Outra peculiaridade, típica do *hostel*, é oferecer cozinha compartilhada. Todas as acomodações que a pesquisadora teve a oportunidade de conhecer tinham uma boa cozinha. Lá, cada um pode preparar a sua própria comida. Há armários, fogão, pia e geladeira. Nos armários ou na geladeira, podem ser deixados alimentos, e, estes, ficam identificados com o nome do hóspede em uma etiqueta, bem como a data do *check-out*.

---

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.alberguesp.com.br/site/conteudo.asp?id\\_subsecao=2&titulo=Conhe%EA](http://www.alberguesp.com.br/site/conteudo.asp?id_subsecao=2&titulo=Conhe%EA). Acesso em: 07 abr. 2017.

<sup>6</sup> Os dados relativos à infraestrutura dos *hostels* decorrem de observação direta, de uma das pesquisadoras, bem como das buscas realizadas em vários *websites*, que anunciam ofertas desses estabelecimentos. Alguns desses *websites* estão citados em outras notas, com informações pontuais.

Pelo que é possível perceber, nas situações de convívio, pode-se dizer que o usuário de *hostel* busca muito mais do que acomodação barata. Há procura pelo turismo do conviver, em que as pessoas demandam mais o contato com o outro, como diz Barreto (2001). Além disso, “[...] os jovens buscam viver uma cultura diferente, preferem o uso de meios de transporte locais, os atraem a aventura, o alojamento mais econômico e não necessariamente visitam os atrativos turísticos massivos”.<sup>7</sup> (LAZZARI, 2010, p.11).

O *hostel* é um dos meios de possibilidade para conexões na experiência turística. Por meio dele, são gerados vínculos entre as pessoas e acontece o resgate de alguns valores, como a confiança, respeito e amorosidade com o outro. Segundo a Fundação Brasileira de Albergues da Juventude<sup>8</sup>, os hóspedes do *hostel* são jovens entre 21 e 28 anos, interessados em “troca de experiências e valores como liberdade, confraternização, paz e respeito”.

Relacionado a isso, Isabel Baptista (2002 apud OLIVEIRA, 2011 p. 34) acredita em uma hospitalidade não mais artificial, racional, mas “que aproxima as pessoas, [...] mais humana, baseada no acolhimento, na solidariedade, na sensibilidade que só o outro pode dar”. O pensamento dessa autora associa-se à perspectiva de amorosidade: “No que diz respeito ao turismo, não há hospitalidade sem o acionamento de planos amorosos, de disposição de estar junto, de respeitar-se mutuamente, os tempos, os silêncios, os ritmos, as diferentes ‘miradas’ para as cenas partilhadas.” (BAPTISTA, M., 2014 p. 40).

### **Comunicação-trama em *hostels***

O conceito de comunicação-trama é uma abordagem complexa que engloba uma série de fatores que interferem, conduzem e transversalizam formas comunicacionais nas mais diversas áreas. Percebemos que há uma mutação de valores e a emergência de outra concepção de mundo, que envolve a comunicação, mas também a ciência como um todo. Capra (2003) dá sustentação a essa ideia, quando relaciona as teorias da Física

---

<sup>7</sup> Tradução livre do original: “lós jóvenes buscan vivir una cultura diferente, prefieren el uso de medios de transporte locales, les atrae la aventura, el alojamiento más económico y no necesariamente visitan los atractivos turísticos masivos”.

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www.alberguesp.com.br/site/conteudo.asp?id\\_subsecao=2&titulo=Conhe%EA](http://www.alberguesp.com.br/site/conteudo.asp?id_subsecao=2&titulo=Conhe%EA). Acesso em: 07 abr. 2017.

contemporânea aos conceitos de realidade, afirmando que a concepção do universo é “como uma rede interligada de relações”.

Na comunicação, Baptista (2000) traz um conceito que remete à relação entre os sujeitos e a movimentação de dados que vão e voltam:

Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorpórais, significantes e a-significantes. (BAPTISTA, 2000, p.33-34)

Pensando que o mundo está em uma complexa e constante transformação, os sujeitos envolvidos, por sua vez, também estão. Essas formas comunicacionais se transversalizam e também são sinalizadoras de mudança. “[...] podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias [...]”. (BAPTISTA, 2000, p.33-34)

No caso do turismo - e, especificamente, o *hostel* - também se mostra conectado com um sistema mais amplo, envolvendo outros fatores. Essa trama acontece desde antes de chegar ao *hostel*, no momento que utiliza da tecnologia - *website* do *hostel*, página no *facebook* ou mesmo plataformas de reserva. Verifica-se, também, o acionamento da trama na forma interpessoal, através da indicação e busca de referências sobre os locais.

No caminho até chegar ao *hostel*, o sujeito faz a viagem a sua maneira, buscando pelas formas que mais lhe agradam e, através delas, tem contato com outros sujeitos. Quando chega à hospedagem, há o envolvimento entre os sujeitos de diversas maneiras. As relações acontecem, uma vez que esse ambiente tem seu próprio conceito, provoca e incentiva o relacionamento interpessoal. Por exemplo, o fato de que praticamente todos os espaços desse alojamento são compartilhados já sugere que o hóspede não fique no seu quarto, mas, sim, que saia, participe e interaja com os outros sujeitos.

E essa perspectiva é coerente à concepção de Moesch (2002, p.9), quando diz, que o turismo é uma “combinação complexa de inter-relacionamentos”. Dentro do *hostel*, observamos também uma hospitalidade diferenciada. É possível perceber que outro ambiente se configura, nas tramas das vivências partilhadas, sob um paradigma mais colaborativo e menos individualizado.

Nesse estudo do mundo de relações, Maturana (1998, p.22), descreve o amor como fator fundamental. “O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na

convivência”. Assim, os pressupostos dos estudos Amorcomtur! envolvem uma perspectiva amorosa, de amorosidade como ética da relação, como potencial de invenção de relações pautadas pela ética do cuidado, pelo respeito mútuo e cultivo de entrelaçamentos intensos e marcados pela confiança.

### **Sinalizadores metodológicos**

Pelas peculiaridades do objeto de estudo e do lócus de pesquisa, é um grande desafio pensar a metodologia para este trabalho. Os métodos de pesquisa ditos como convencionais certamente têm sua relevância, entretanto, na contemporaneidade, verifica-se, no mundo das investigações científicas (e principalmente das Ciências Humanas e Sociais), a necessidade de uma reinvenção dos modos de investigar.

O próprio ambiente *hostel*, que remete a uma mutação no cenário de hospedagem, também transforma o modo de pesquisar o turismo e a comunicação, envolvendo o setor. E é por isso que propomos, para este trabalho, a estratégia metodológica Cartografia dos Saberes (Baptista, 2014), que se alinha aos pressupostos de Suely Rolnik (1989) e Maria Cecília de Souza Minayo (2001), entre outros autores. Para entender, primeiramente, o conceito de cartografia, apresentamos o pensamento de Suely Rolnik (1989 apud Baptista 2014), o qual descreve que o cartógrafo não tem apenas um método, mas fundamentos que o orientam.

Desses fundamentos, decorre o que Baptista vem chamando de “trama de trilhas”. “São pistas que cada pesquisador vai compondo, numa espécie de trama metodológica, ao compreender mais profundamente o fenômeno que está estudando”. (Baptista, 2014, p.3). Segundo Baptista (2014), essa trama vai se construindo através de saberes pessoais, saberes dos outros (especialmente teóricos, que decorre de levantamento bibliográfico) e a vivência do pesquisador na área da pesquisa a ser realizada, com a definição das ações investigativas.

Então, para este estudo, utiliza-se, inicialmente, a pesquisa exploratória, que acontece, a partir de um levantamento bibliográfico sobre o tema. Ao mesmo tempo, se resgata todo o conhecimento prévio, bem como as vivências relevantes, já vividas e descritas. Trata-se, aqui, do acionamento da linha cartográfica dos saberes pessoais, combinada ainda com a terceira linha, que é o que Baptista (2014) chama de “laboratório de pesquisa” ou “usina de produção”, o qual cria oportunidades para que o pesquisador vivencie a sua pesquisa.

---

Nessa última etapa, tem-se a ação investigativa participante, a partir da qual são descritas algumas das experiências de uma das pesquisadoras em alguns em *hostels*, que são contados em três episódios, com base nos registros de diário de campo. Os episódios são contados em primeira pessoa, exatamente como aconteceu cada evento. Após o relato, faz-se uma pequena discussão, apontando os pontos mais relevantes encontrados, de acordo com cada situação e que se relacionam com o objeto de estudo.

### **Episódio Um: Nova Iorque<sup>9</sup>**

*Primeira viagem sozinha, estava eu em Nova Iorque, em abril de 2013. Não possuía celular com internet. Então, os recursos que eu tinha eram um mapa impresso e, em um papel, anotados os números e nomes de metrô e ônibus, que eu precisava para chegar ao hostel. Assim fui, perguntando informações para algumas pessoas e se estava no caminho certo, para outras. Então, da rodoviária, utilizei um metrô e mais um ônibus, até que, estava em frente ao hostel.*

*Quando desci na parada de ônibus, avistei o hostel do outro lado da rua; porém teria que atravessar uma passarela de pedestres para chegar lá. Já era 10 da noite. Comecei a subir na passarela, e tudo estava muito escuro. Com o canto do olho, avistei que, no meu lado direito, estava completamente preto. A curiosidade não me impediu e, olhei para minha direita: um cemitério. Sem outra alternativa, continuei subindo e atravessei a passarela como uma faísca – cheia de medo - até chegar ao hostel.*

*Enfim, o ambiente era muito bom. Esta foi minha primeira experiência em hostel e descobri muitas coisas que eu não sabia. Foi ali que eu aprendi como funciona a cozinha, que cada um lava a louça que sujar, até mesmo depois do café da manhã que a própria hospedagem oferece. Nos armários da cozinha ou na geladeira, podem ser deixados alimentos, e estes ficam identificados com o nome do hóspede. Havia um cartaz solicitando que fosse colocado o nome e a data do check-out. Deixei meus biscoitos lá, identificados, e no dia seguinte lá estavam, no mesmíssimo lugar.*

*A cozinha era separada do hostel, tinha uma entrada na lateral do prédio para a cozinha. Havia apenas uma mesa na cozinha, mas bem longa. Num espaço logo ao lado, havia televisão, jogos e espaço de leitura, tudo junto a cozinha. Durante os dias*

---

<sup>9</sup> A pesquisadora estava fazendo um intercâmbio nos Estados Unidos, de dezembro de 2012 a novembro de 2013. Morava na cidade de Boston, e, a partir de lá, fez algumas viagens. Esses três episódios são viagens que aconteceram nessa condição.

*que ali estive, conversei com algumas pessoas no quarto e na cozinha.*

*Mas eu também queria ser turista pela cidade. Comprei um tour pela internet, para fazer em um dos dias e precisava chegar ao centro, que era o local de partida. Parecia descomplicado, uma vez que tinha novamente tudo anotado em um papel. Depois de pegar ônibus e metrô, me vi perdida, e o plano de emergência, em meus pensamentos, foi sempre: “em último caso, desço e procuro um taxi”. Foi o que eu fiz. Escolhi uma estação do metrô e desci. Quando saí para a rua, percebi que estava bem deserto naquela região.*

*Era domingo de manhã, não havia carros passando, muito menos taxis. Comecei a perceber uma movimentação de homens nas ruas. Homens com grandes casacos e chapéus pretos, barbas e uns cabelos estranhos. Muitos deles. Percebi que estava no meio de um bairro de judeus e que estes estavam indo a uma cerimônia religiosa. Mesmo depois de constatar o que era, a situação ainda me levava a ter medo, pois eu continuava perdida, ali naquele meio. A única solução era voltar ao metrô e tentar descer em outra parada, à procura de um taxi. Foi o que aconteceu, e finalmente, consegui um amarelinho.*

Por meio desses eventos, percebe-se uma lógica da mutação no sistema de hospedagens turísticas, e isso acontece também na questão do transporte. Se o sujeito busca um meio não convencional e preço mais barato na hospedagem, ele, do mesmo jeito, procura esses recursos alternativos para chegar na cidade e ao *hostel*.

Percebe-se, de forma clara, isso, primeiramente, no modo de chegar a Nova Iorque, ônibus ao invés de avião. Posteriormente, a busca pela chegada ao *hostel*, não um táxi, e sim, transporte público. Dessa forma, o turista é capaz de vivenciar a cidade, pois experimenta o deslocamento que os próprios moradores locais vivem diariamente, e também tem a oportunidade de se comunicar com os habitantes daquele lugar.

Da maneira que a pesquisadora utilizou para chegar ao *hostel*, teve contatos com Nova Iorque, no metrô e no ônibus. Com os pedidos de informações, foi possível perceber a receptividade dos mesmos e conhecer também partes da cidade, pois, no caminho, observou tudo por onde passava. Também vivenciou o típico cenário de Nova Iorque: metrô lotado em horário de pico, trabalhadores se dirigindo ao centro da grande metrópole, em plena segunda-feira.

Da mesma forma que esse público busca chegar à hospedagem de maneira

diferenciada, procura também explorar a cidade com meios alternativos. Por isso, a opção por um *tour* mais barato, comprado pela internet e, chegar ao ponto de partida utilizando o metrô. A peregrinação não tão foi bem sucedida, porém trouxe a passagem por uma área da cidade que certamente não teria sido conhecida.

O encontro com o território do outro pode nos mostrar, de forma surpreendente e positiva, a diferença cultural. Foi preciso acreditar e incorporar outra lógica cultural, para pensar que não seria perigoso, nem nada de mal iria acontecer, ao atravessar aquela passarela escura à noite. De acordo com a cultura de origem, devido às circunstâncias, a lógica é reconhecer-se em um cenário característico de medo.

Através da mesma questão cultural, a pesquisadora viveu o estranhamento na cena, envolvendo a preocupação, no sentido de que, se deixar algo no ambiente público, não vai estar lá no dia seguinte. E, pelo contrário, lá estavam seus biscoitos. Há, portanto, uma ruptura de conceitos e valores.

Existe confiança e respeito com o que é do outro. Pela observação empírica realizada, foi possível perceber que esses valores são praticados nos *hostels*, não só na América do Norte. Entende-se, a partir das experiências registradas em diário de campo, que este é um valor impregnado nessa cultura ‘hosteleira’. Confiança é, dessa forma, outro valor que merece ser considerado neste ponto, pois, geralmente, ela surge entre pessoas conhecidas, depois de certo tempo de convivência. No caso do *hostel*, contudo, é necessário confiar no outro desconhecido, que está dividindo o mesmo ambiente.

### **Episódio Dois: Martha's Vineyard**

*Essa foi uma aventura de carro, com três amigas, em maio de 2013. Não sabíamos bem o que iríamos encontrar naquela ilha simples e histórica. Recordo que tentamos buscar informações na internet, mas pouco encontramos sobre o local. Utilizamos uma balsa, para atravessar e chegar à ilha, deixando o carro do outro lado, pois lá não era permitido, para turistas, entrar com o automóvel. Cidadezinha pitoresca, com 16 mil habitantes, com praias, faróis e fazendas. Ônibus muito simples e cheios de areia conduziam as pessoas entre bairros da pequena ilha.*

*Com um ônibus desses, chegamos ao *Hostelling International (HI)*. A primeira impressão foi um pouco assustadora, pois o hostel era no meio do nada, em meio a um mato fechado. Um local grande, mas de madeira, similar a uma residência comum, típica americana. Ficamos imaginando como seria a noite nesse lugar, como um filme*

*de terror. Mas havíamos feito reserva, então entramos.*

*Na recepção, a imagem mudou. Fomos tão bem atendidas, que toda essa má impressão passou. Os atendentes nos falaram sobre fazer o cartão HI, um sistema de desconto por fidelidade e, se fizéssemos, já ganharíamos desconto naquela hospedagem mesmo. O computador da recepção estava sem sistema no momento e eles aceitaram que pagássemos as diárias no dia seguinte, com toda confiança.*

*A mulher nos acompanhou até o quarto, que ficava no andar de cima, e nos mostrou tudo como funcionava. Era um quarto bem grande, com 10 ou mais camas. No momento, não havia mais hóspedes, além de nós quatro, dormindo ali naquele cômodo.*

*O sol nasceu. Descemos para o café da manhã e tivemos mais uma surpresa boa. O próprio casal estava fazendo panquecas típicas americanas, com todo carinho para os hóspedes. Eles estavam fazendo na hora, conforme as pessoas desciam para o café. Nos mostraram também a maneira do preparo e conversamos sobre a receita. Cada uma de nós recebeu no prato, quentinhas, as panquecas.*

*Ainda cedo, pagamos as diárias na recepção e nos entregaram os números dos cartões fidelidade. Além disso, nos indicaram alguns lugares para visitar e responderam algumas perguntas que tínhamos sobre a região. Para nos deslocarmos entre os lugares que queríamos, utilizamos sempre os ônibus locais. Fomos a restaurantes, bares, pontos turísticos da ilha e fomos ao porto, onde se percebe a principal atividade econômica da ilha, a pesca.*

As características do *hostel* remetem ao aprendizado e à descoberta de novas e transformadas práticas. Isso se verifica, porque, ali, naquele universo, tem-se, a retomada de práticas domésticas de hospedagem e, ao mesmo tempo, a inovação. Nesse episódio, vivenciamos o real sentido da palavra hospitalidade<sup>10</sup>, por parte dos hospedeiros para com os hóspedes. O carinho e atenção com cada pessoa, que remete a um ambiente familiar, caseiro, no convívio íntimo com o outro.

Houve também o deslocamento pela cidade, onde vivemos nela, como moradoras, durante aquele determinado período. Utilizamos o transporte público diversas vezes, frequentamos restaurantes, bares. Visitamos pontos turísticos, mas também passeamos no porto admirando os pescadores e o lindo por do sol.

<sup>10</sup> Pode-se referir, aqui, nesse sentido, a noção proposta por Isabel Baptista, quando esta afirma que acredita em uma hospitalidade “que aproxima as pessoas, [...] mais humana, baseada no acolhimento, na solidariedade, na sensibilidade que só o outro pode dar” Isabel Baptista (2002 apud OLIVEIRA, 2011 p. 34).

A primeira impressão do *hostel* veio relacionada ao pensamento cultural brasileiro, de que, se um lugar é escuro, vai ser perigoso, ou porque é simples, vai ser sujo. Depois que entramos no local, começou a ruptura desse raciocínio, com o atendimento hospitaleiro que recebemos, desde o início. A quebra desse paradigma foi completada com o café da manhã encantador, acompanhado de um carinho familiar.

### **Episódio Três: Seattle**

*Em agosto de 2013, saindo de Vancouver, com cinco horas de ônibus, estava em Seattle. Quase fui barrada na alfândega, pois esqueci que tinha uma maçã e um sanduíche na mochila. Ainda bem que consegui chegar bem e sem pagar multa ao HI Seattle. Logo percebi a ótima localização do hostel, que ficava a uma quadra do metrô. A recepção, muito atenciosa. Para chegar até a cozinha, havia um corredor, e, em meio disso, sala de televisão com sofás e sala da lavanderia e armários. No andar de cima, os quartos. Na entrada, havia uma porta com leitor de cartão. Então, cada hóspede recebia um cartão e só entrava para a área dos quartos quando passasse esse cartão, uma segurança a mais.*

*A cozinha era bem grande, convidativa e bem organizada. Havia uma bancada quadrada bem grande com fogões e pias e, logo ao lado, muitas mesas. Já no dia um, fui ao supermercado comprar algo para cozinhar lá. Entre as coisas que comprei, estava uma dúzia de ovos, mas que acabei não comendo nenhum ovo e deixei na geladeira devidamente etiquetada com meu nome. Foi aí que aconteceu uma situação bem interessante. No dia seguinte, quando abri a caixa dos ovos, estava faltando um ovo. No lugar, havia uma nota de um dólar, sendo que o valor que foi pago pela dúzia toda era pouco mais que esse.*

*No episódio anterior, em Vancouver, conheci dois caras da Inglaterra, e, eles haviam me falado que iriam também para Seattle depois. No segundo dia que eu estava em Seattle, eles chegaram. Nesse dia, aproveitei o Pub Crawl, tour noturno oferecido pelo hostel, para conhecer algumas pessoas.*

*Terceiro dia. Fui explorar Seattle a pé e depois de bicicleta. À noite fiquei socializando no hostel, na sala de televisão junto com outros hóspedes. No dia quatro, encontrei-me com uma conhecida que morava lá, e juntas fomos fazer um passeio turístico pela cidade. No último dia, liberei o quarto e fiquei na sala com televisão, até o horário de partir para o aeroporto.*

Nessa situação, nota-se novamente a vivência na cidade. Nesse episódio, porém, teve algo mais, que foi a ida ao supermercado. Se pensarmos pela lógica da acomodação mais utilizada hoje pelo turismo de massa, os hotéis, o turista já está induzido a tomar o café da manhã no hotel, pois é oferecido, e partir para as outras refeições em restaurantes, por exemplo. Contrapondo essa situação, o *hostel* oferece cozinha e dá essa liberdade ao hóspede, para que, caso queira, possa cozinhar no local.

A ida ao supermercado, por mais simples que essa atividade pareça, traz consigo inúmeros aspectos inerentes a esse outro tipo de negócio. É o que se constata, porque, além do contato na cozinha do *hostel*, enquanto cozinha e come o que preparou, o turista, indo ao supermercado, conhece um pouco mais da cultura local, os preços da região, as pessoas que ali frequentam. Nessa experiência turística, o hóspede se insere na cidade como um morador temporário.

Além disso, nesse episódio, tem-se muito evidente a questão dos vínculos que se formam entre as pessoas. Esse público, no geral, já está mais “aberto”, por estar nesse ambiente e entender que, por estar ali, precisa estar disposto a interagir com outras pessoas. Percebe-se, no entanto, mais do que isso, que não existe “cerimônia” nenhuma nas aproximações, é possível chegar e conversar com o outro facilmente.

Nesse sentido, há uma quebra no sistema tradicional, no senso comum, que diz que é necessário conhecer alguém antes, para saber se é possível conversar e deixar a pessoa se aproximar. No *hostel*, percebe-se que não existe essa barreira, no que diz respeito às aproximações, e as relações são mais marcadas pela confiança. Parece que os sujeitos confiam uns nos outros, pelo simples fato de estarem hospedados no mesmo local. No acontecimento com a caixa de ovos, é possível perceber essa base de confiança, além do respeito mútuo e a valorização do que é do outro.

O fenômeno *hostel* convida a refletir também sobre a questão da sustentabilidade e descoberta de formas de proteção ao meio ambiente. Por exemplo, se comparado à hotelaria, verificam-se algumas distinções bem evidentes. Enquanto no hotel cada quarto tem seu ar condicionado, frigobar e televisão, no *hostel*, cada quarto comunitário tem (ou não) ar condicionado. Na sala de lazer, há uma televisão e, na cozinha, uma geladeira para todos.

O uso da geladeira compartilhada, bem como a questão das pessoas que fazem *check-out* deixarem alguns alimentos (óleo, sal, azeite, açúcar e outros) no local, para que os outros hóspedes possam utilizar, também remete a um cuidado com o meio

---

ambiente muito presente, uma vez que os alimentos não serão desperdiçados; logo, reduzirá também o consumo.

### **Considerações finais**

Considera-se, nesse texto, o mundo em processo de transformação, o qual envolve na sua mutação, também os sujeitos, neste caso, os do turismo. A trama complexa relacionada à experiência turística em *hostels*, bem como a trama de ações investigativas, proposta para esta pesquisa, está sendo construída e aprofundada, no processo de investigação.

Como se verifica, a comunicação-trama acontece não só dentro dos *hostels*, mas também anteriormente, durante o processo de busca nos *websites* e por indicações e referências sobre as acomodações. Posteriormente, aparece também no caminho que o sujeito percorre, até a chegada à hospedagem, nas relações e vínculos criados, através desse ambiente provocativo, que convida e incentiva o relacionamento interpessoal.

Além dessas formas comunicacionais que se transversalizam, há o resgate de valores como hospitalidade e amorosidade, considerando que estes valores se diferenciam dos praticados no modelo tradicional de hospedagem, uma vez que, no *hostel*, é possível perceber que há uma característica, ou conceito, diferenciado. Nesse caso, existe a prática mais coletiva e menos individual e que envolve a amorosidade como ética da relação, respeito mútuo e conservação desses vínculos criados, marcados também pela confiança.

Através do resgate de memórias das experiências vividas por parte de uma das pesquisadoras, foi possível perceber detalhes importantes para a investigação, que são também discutidos no Amorcomtur!. Por meio dessa aproximação da pesquisadora com o objeto de estudo, percebeu-se elementos muito fortes, característicos do *hostel* – que chamamos de “ingredientes” – e foram apresentados em forma de reflexão, dentro do episódio, após cada relato.

Esses elementos, em síntese são: os ambientes compartilhados (cozinha, banheiros e outros espaços), que geralmente seguem a mesma linha; a questão do cuidado com o meio ambiente, característico do espaço físico; a prática de repasse de comidas entre os hóspedes; o resgate de valores - como confiança, respeito mútuo, hospitalidade e amorosidade - percebidos de diversas formas; bem como os vínculos criados entre os sujeitos.

Por fim, acreditamos que todo o processo de investigação se constitui em paralelo à história dos sujeitos pesquisadores. Compreendemos que, mais do que uma pesquisa científica, o estudo é um projeto individual, que faz parte de um projeto de vida. Assim, a produção é sempre melhor, se o sujeito se reconhece no processo, faz com gosto, e procura sair dele uma pessoa melhor, pensando nos valores compartilhados, assim como ocorre dentro dos *hostels* visitados.

Nesse sentido, a amorosidade e autopoiese<sup>11</sup> são inerentes, também, ao modo de investigar, são marcas de pesquisadores que entendem a realidade como complexa e em constante mutação. Ao mesmo tempo, compreendem que a prática de hospedar implica, de fato, em um processo de acolhimento e entrelaçamentos nas vivências partilhadas, elementos que podem ser investigados nos *hostels*.

## Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE ALBERGUES DA JUVENTUDE. **O que são hostels?** Disponível em: [http://www.alberguesp.com.br/site/conteudo.asp?id\\_subsecao=2&titulo=Conhe%EA](http://www.alberguesp.com.br/site/conteudo.asp?id_subsecao=2&titulo=Conhe%EA). Acesso em: 07 de abril de 2017.

BAPTISTA, Isabel. In: OLIVEIRA, Ana Carolina Rodrigues. **Da pedagogia da hospitalidade no turismo ao turismo pedagógico pela hospitalidade**. Dissertação de Mestrado. UCS. Caxias do Sul, 2011. 197p.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Amorosidade Comunicacional no turismo: dispositivo para hospitalidade em tempos de complexidade. 2014. In: SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel (Org.). **Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade**. Caxias do Sul, RS: EDUCS. 2014.

\_\_\_\_\_. **Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação**. Rosa dos Ventos. Caxias do Sul, RS, 2014. Disponível em: <[http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647/pdf\\_273](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647/pdf_273)>.

\_\_\_\_\_. **Comunicação, amorosidade e autopoiese**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, 2004.

---

<sup>11</sup> Termo que Baptista vem utilizando e que remete à autoprodução, o processo de produção de vida, considerando que o caráter autopoietico surge do acionamento, decorrente do encontro, e ações compartilhadas. O termo foi criado por Humberto Maturana e é estudado também por outros autores, como Francisco Varela e Félix Guattari.

---

\_\_\_\_\_. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional.** Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2000.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** 10. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Mais de 6,4 milhões de turistas estrangeiros visitaram o Brasil em 2014.** Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/5227-mais-de-6,4-milh%C3%B5es-de-turistas-estrangeiros-visitaram-o-brasil-em-2014.html>. Julho de 2015. Acesso em: 19 abr. 2017.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação.** 24. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003.

GIARETTA, Maria José. **Turismo da juventude.** Barueri, SP: Manole, 2003.

LAZZARI, Luisa L. **Turismo joven en Argentina:** primer reporte de investigación. Buenos Aires, Argentina: Universidad de Buenos Aires, 2010.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e política.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. (18 ed.) Petrópolis: Vozes, 2001.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

REVISTA VEJA. **Após a Copa, crise afeta o mercado de hostels em São Paulo.** Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/hostels-crise-sao-paulo-apos-copa/>. São Paulo, maio de 2015. Acesso em: 14 abr. 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.